



Hammer



Rato Picado

David Walliams

Ilustrado por Tony Ross

Tradução de Rita Amaral

 Porto
Editora



Apresento-te as personagens desta história:

Burt, o homem da carrinha
de hambúrgueres

Pai, um pai



Zoe, uma menina

Sheila,
a madrastra de Zoe

Professor Grave,
o diretor da escola

Professora Ana,
uma professora
baixinha

Raj, um lojista
robusto



Tina Reguila,
a rufia da zona

Gengibre, um
hámster morto

Roca, um rato
vivo

1

Hálito a hóstia de camarão

O hámster estava morto.

De costas.

As pernas espetadas no ar.

Morto.

Zoe abriu a gaiola, com lágrimas a escorrerem-lhe pela cara abaixo. As suas mãos tremiam e o coração parecia quebrar-se em pedacinhos. Enquanto pousava o pequeno corpo peludo de Gen-gibre na carpete gasta, pensou que nunca mais voltaria a sorrir.

– Sheila! – gritou Zoe, o mais alto que conseguia.

Apesar dos pedidos incessantes por parte do seu pai, Zoe recusava-se a chamar “mãe” a Sheila. Nunca o tinha feito e prometera

a si mesma que nunca o faria. Ninguém poderia substituir a mãe de Zoe – ainda que a madrasta nunca o tenha tentado.

– Cala a boca. Estou a comer e a ver televisão! – respondeu a voz rouca vinda da sala.

– É o Gengibre! – disse Zoe. – Ele não está bem.

Não estar bem era um eufemismo.

Um dia, na televisão, numa série sobre hospitais, Zoe vira uma enfermeira tentar reanimar um velhinho que estava a morrer, por isso tentara desesperadamente fazer reanimação boca a boca ao seu hámster, soprando com cuidado por entre os lábios abertos do animal. Não resultou. Também não resultou ligar o pequeno coração do roedor a uma pilha AA com um *clip*. Era demasiado tarde.

O hámster estava frio ao toque e o corpo estava rígido.

– Sheila! Por favor, ajuda-me! – gritou ela.

A princípio, as lágrimas de Zoe escorreram-lhe silenciosamente pelo rosto, mas depois a menina desatou num gigantesco pranto. Ouviu finalmente a madrasta a arrastar-se relutantemente pelo corredor do pequeno apartamento que ficava lá no alto do 37.º andar de uma torre de apartamentos inclinada.

A mulher gemia de esforço sempre que tinha de fazer alguma coisa. Era tão preguiçosa que mandava Zoe tirar-lhe os macacos do nariz – apesar de, claro, a menina dizer sempre que não. Sheila resmungava até quando tinha de mudar de canal com o comando da televisão.

– Argh, argh, argh, argh... – bufava Sheila, ao irromper pelo corredor.

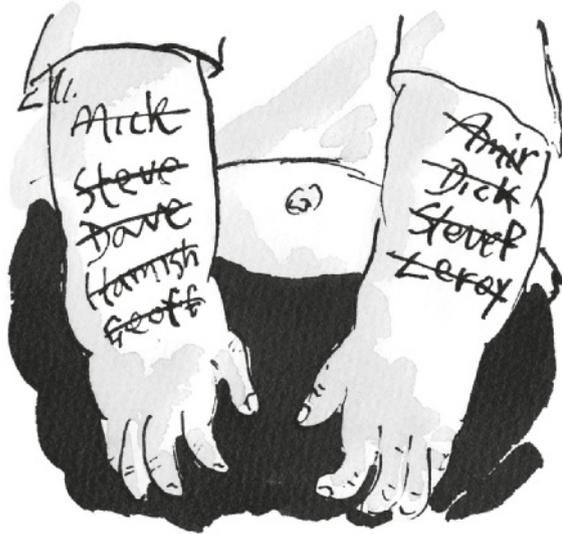
A madrasta de Zoe era bastante baixa, mas compensava a pouca altura ao ser tão larga quanto alta.

Numa palavra, era esférica.

Pouco depois, Zoe pressentiu que a mulher bloqueava a entrada da porta, tapando a luz do corredor, como um eclipse lunar. Zoe conseguia também cheirar o doce aroma inebriante a hóstias de camarão. A madrasta adorava aquelas hóstias. De facto, costumava dizer orgulhosamente que, quando era bebé, se recusava a comer outra coisa que não hóstias e que cuspiam na cara da mãe qualquer outra comida que lhe fosse dada. Zoe achava que as hóstias cheiravam mal, e nem era só por causa do cheiro a camarão: o mau cheiro já era delas. E é claro que o hálito da mulher também tresandava a hóstias de camarão.



Aliás, naquele preciso momento, à entrada da porta, a madrastra de Zoe segurava um pacote dos petiscos pouco saudáveis numa mão e enchia a boca com a outra, enquanto avaliava a cena. Como sempre, vestia uma *t-shirt* branca, larga e suja, calças pretas e justas e chinelos de pelo cor-de-rosa. Os poucos pedaços de pele visíveis estavam cobertos de tatuagens. Nos braços trazia escritos os nomes dos ex-maridos, entretanto riscados por cima:



– Oh, não – balbuciou a mulher, com a boca cheia de hóstias de camarão. – Oh, não, oh, não, que tristeza. É de partir o coração. A pobre coisinha bateu a bota!

Inclinou-se sobre a enteada e olhou para o hámster morto. Pedacos de hóstias semimastigados choviam da sua boca e espalhavam-se pela carpete à medida que falava.

– Que peninha, estou tão triste e tal – acrescentou ela, num tom de voz que não parecia minimamente triste.

Foi então que um grande pedaço de hóstia de camarão meio mastigado saltou da boca de Sheila e aterrou na cabeça fofa da pobre criatura. Era uma mistura de hóstias e cuspo*. Zoe limpou tudo cuidadosamente, enquanto uma lágrima escorria-lhe pela face e aterrava no pequenino nariz frio e rosado do bichinho.

– Olha, tenho uma ideia – disse a madrastra de Zoe. – Vou acabar estas hóstias e podes enfiar essa coisa no saco. Mas eu não lhe toco. Não quero apanhar uma doença.

Sheila pegou no saco e entornou as restantes migalhas de hóstias com sabor a camarão para dentro da sua boca gulosa. Depois, ofereceu o saco vazio a Zoe.

* O nome técnico para isto é cuspóstia.

– Toma lá. Mete-o aí, rápido. Antes que comece a dar cheiro à casa.

Zoe quase engoliu em seco depois de ouvir as palavras injustas que a mulher tinha acabado de dizer. O que dava cheiro à casa era o hálito a hóstia de camarão da sua madrasta gorda! Tinha um hálito que fazia a tinta descolar das paredes. Podia até fazer cair as penas de um pássaro até ele ficar careca. Se o vento mudasse de direção, conseguia-se cheirar o hálito dela numa cidade a quilómetros de distância.

– Não vou enterrar o pobre do Gengibre num pacote de hóstias de camarão – disse Zoe, bruscamente. – Nem sei porque te chamei. Por favor, vai-te embora!

– Por amor de Deus, rapariga! – gritou a mulher. – Só estava a tentar ajudar. Sua desgraçada ingrata.

– Mas não estás a ajudar! – gritou Zoe, sem se virar. – Vai-te embora! Por favor!

Sheila saiu do quarto a bater com os pés no chão e fechou a porta com tanta força que caiu estuque do teto.

Zoe ouvia a mulher, à qual se recusava a chamar mãe, a arrastar-se de volta à cozinha para, certamente, voltar a abrir

outro pacote gigante de hóstias de camarão e empanturrar-se com ele. A menina ficou sozinha no seu quarto minúsculo, a embalar o hámster morto.

Mas como teria ele morrido? Zoe sabia que o hámster era jovem, mesmo em anos de rato.

Poderia tratar-se de um homicídio de hámster?, questionou-se Zoe.

Mas que género de pessoa poderia querer assassinar um pequeno hámster indefeso?

Bem, vais descobrir todas as respostas antes de esta história acabar. E também ficarás a saber que há pessoas capazes de fazer coisas muito, mas muito piores. O homem mais diabólico do mundo está à espreita algures neste mesmo livro. Continua a ler, se tiveres coragem...